



Observatório de Política Exterior do Brasil

– Informe de Política Externa Brasileira –

Nº 83

Janeiro – 2017

Apresentação:

O Observatório de Política Externa Brasileira (OPEB) é um projeto de informação temático executado pelo Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES), do Centro de Estudos Latino-americanos (CELA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Franca.

Em seu Informe mensal, o Observatório de Política Externa Brasileira destina-se a analisar a cobertura dada pelas revistas semanais *Carta Capital* e *Veja*, e pelos jornais *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Valor Econômico* e *Zero Hora*, mais especificamente pelos seus editoriais. Partindo-se do princípio de que esses veículos são formadores de opinião pública e representantes de posicionamentos político-ideológicos distintos, justifica-se verificar qual a visão que divulgam a respeito das ações do governo brasileiro no que tange a sua política externa. A metodologia utilizada para a realização dessa análise será a leitura minuciosa das reportagens e posterior cotejamento das mesmas a fim de identificar as diferentes percepções dessa política de Estado. Em um segundo momento, uma breve análise da conduta brasileira no âmbito internacional será feita à luz das Relações Internacionais.

Em 2009, o OPEB ganhou prêmio de melhor projeto de extensão na área das Humanidades no V Congresso de Extensão Universitária da UNESP e em 2011 ficou em 3º lugar na sexta versão do mesmo congresso.

Equipe de redação e revisão:

Coordenação: Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias.

Doutorandos pelo PPGRJ San Tiago Dantas (Unesp – Unicamp – PUC/SP): Giovanna Ayres Arantes de Paiva; José Augusto Zague; Livia Peres Milani; Luiza Elena Januário.

Mestrandos pelo PPGRJ San Tiago Dantas (Unesp – Unicamp – PUC/SP): Adriane Gomes Fernandes de Almeida; Bruce Roberto Scheidl Campos; Camila Gomes de Assis; Jonathan de Araujo de Assis; Julia de Souza Borba Gonçalves; Kimberly Alves Digolin.

Graduados em Relações Internacionais pela UNESP/ Franca: Camila Oliveira Santana; Thiago Eizo Coutinho Maeda.



Observatório de Política Exterior do Brasil

No mês de janeiro, a revista *Carta Capital* foi o único veículo analisado a abordar a política externa brasileira, publicando uma reportagem sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos na gestão de Michel Temer e os perigos dessa aproximação descompassada.

Brasil e Estados Unidos

Em reportagem publicada na Edição 935, a revista *Carta Capital* abordou a aproximação entre Brasil e Estados Unidos, buscando apontar os perigos desse realinhamento pretendido pelo governo de Michel Temer. Segundo a revista, Temer perseguiu desde o início uma relação carnal com o país norte-americano, buscando nessa aproximação uma fonte de legitimação internacional para seu governo. Apesar de ter como pauta o crescimento econômico, o semanário aponta a existência de um descompasso nessa reaproximação, uma vez que o Brasil não estaria no centro das preocupações do presidente estadunidense Donald Trump. Nesse sentido, a reportagem da *Carta Capital* aponta os perigos que essa relação defasada pode implicar para o Brasil.

Dentre esses perigos, a revista destaca o próprio ministro das Relações Exteriores, José Serra, e seu abrangente despreparo, o qual pode ser exemplificado pelas suas falas abertas acerca da assumida impossibilidade de vitória do candidato à presidência Donald Trump, ainda no período eleitoral estadunidense. Em busca de retratação, na contramão das críticas de alguns países vizinhos em relação ao novo presidente estadunidense, Serra ressuscitou as negociações para o acordo de uso, por parte dos Estados Unidos, da Base de Alcântara no Maranhão – base esta que é considerada uma das mais bem localizadas para o lançamento de foguetes, uma vez que representa grande economia de combustível.

As tratativas de um acordo nessa matéria datam da gestão de Fernando Henrique Cardoso, inclusive com a assinatura de um acordo que foi enviado ao Congresso para ratificação, mas que foi enterrado com a posse de Lula da Silva. Isso porque o acordo impunha diversas proibições ao Brasil, entre elas, a impossibilidade de lançar foguetes próprios a partir da Base e de firmar acordos de cooperação técnico-espacial com outros países, além do acesso à Base de Alcântara ficar restrito ao pessoal estadunidense.



Observatório de Política Exterior do Brasil

Ademais, a revista destacou a existência de diversos telegramas secretos, disponibilizados pelo site WikiLeaks, entre o cônsul-geral americano no Brasil, Christopher McMullen, e o governo dos Estados Unidos que abordam os encontros realizados com Michel Temer em 2006. Segundo o semanário, o interesse estadunidense na capacidade petrolífera do Brasil aumentou a partir da descoberta da camada de Pré-Sal no litoral do país em 2007. Somado a isso, o forte investimento militar brasileiro e à política externa mais independente em relação a Washington, de acordo com a *Carta Capital*, geraram nos Estados Unidos a percepção de que seria necessário conter a situação, inclusive indicando que muitas informações da Operação Lava Jato contra multinacionais brasileiras, casos da Petrobras e da Odebrecht, chegaram ao Ministério Público e à Polícia Federal graças aos serviços americanos de inteligência e seus aliados.

Alguns autores que se debruçam sobre os estudos da política externa brasileira apontam a existência de certa continuidade quanto à tentativa de possuir alguma liberdade de decisão frente os Estados Unidos desde o governo do general Figueiredo – ainda na ditadura militar brasileira – até a gestão de Itamar Franco, mesmo com intervalos de maior convergência com o país norte-americano e reservadas as singularidades de cada contexto. Essa continuidade apresentou certo recuo com a posse de Fernando Henrique Cardoso e a noção de que seria necessário participar e aceitar a lógica internacional para fortalecer a inserção do país no cenário global. Já no início dos anos 2000, o contexto doméstico e internacional possibilitou maior assertividade na postura brasileira e foi caracterizado por uma diversificação das relações internacionais do Brasil, assim como um discurso mais propositivo e contestador.

Predicar uma política externa brasileira que busque recusar qualquer relação com os Estados Unidos seria, no mínimo, difícil. No entanto, retomar uma política de alinhamento automático com o país norte-americano como a indicada pela gestão de Michel Temer seria perigosa e irresponsável. É comum ver a agenda externa adotada por Lula da Silva e Dilma Rousseff sendo intitulada enquanto ideológica e enxergar nesse adjetivo algo negativo. O ponto é que, uma vez que toda política é ideológica, pretender uma falsa neutralidade em prol de um suposto interesse nacional – que nunca será unânime – é desonesto e irreal. Mesmo essa retomada priorização das relações e parcerias



Observatório de Política Exterior do Brasil

com os países do Norte global está envolta de interesses que estão assentados nas ideologias de determinados grupos de atores.

Referências bibliográficas:

BARROCAL, André. A vocação de súdito. **Carta Capital**, São Paulo, 18 jan. 2017. Política, Edição 935, p. 26-31.